



O que estamos fazendo? Ensaio sobre a  
virtualidade dos espaços, relações e sujeitos nas  
aulas remotas de teatro

What are we doing? An essay on virtual spaces  
and the relationship between student, teacher and  
institution in remote theatre classes

Flavio Vieira de Melo<sup>1</sup>

João Armando Fabbro<sup>2</sup>

Thiago de Castro Leite<sup>3</sup>

---

1. Ator, diretor e professor de teatro, Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR/Sor, especialista em Metodologia do Ensino de Artes UNINTER, graduado em Teatro/Arte-Educação pela Universidade de Sorocaba - UNISO. Professor titular no Conservatório Dramático e Musical de Tatuí; e no Sindicato dos Condutores de Sorocaba. Integra o grupo de pesquisa Crítica aos Espetáculos de Rua: critérios, reflexão e produção de críticas (UNESP/IA). E-mail: flaviomelo@nativosterrarasgada.com.br. ORCID: 0000-0002-2777-6998.

2. Ator e Arte Educador. Mestre pela Universidade de Campinas – UNICAMP. Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Docente no Conservatório Dramático e Musical de Tatuí. E-mail: joaofabbro@gmail.com. ORCID: 0000-0002-4352-7828.

3. Doutorando em Educação e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Graduado em Licenciatura em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP. Integra o Grupo de Estudos sobre Educação e o Pensamento Contemporâneo (GEEPC), da FE/USP. Docente no Conservatório Dramático e Musical de Tatuí. E-mail: Thiago.castroleite@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1806-7353.

## Resumo |

Partindo de experiências práticas, três professores de teatro do interior do Estado de São Paulo escrevem suas reflexões sobre múltiplas dificuldades enfrentadas no percurso formativo do ano letivo de 2020, durante o transcorrer da pandemia da COVID-19. Evidenciando e questionando três aspectos que impactam diretamente as aulas remotas - o espaço, a relação entre os participantes (professores/estudantes/instituições) e os modos de efetivação das aulas -, buscam examinar, problematizar e ampliar os olhares para o presente que os atravessa. Para tanto, recorrem a um modelo de texto ensaístico, híbrido, que conjuga a um só tempo narrativa e reflexão, invenção e análise.

**Palavras-chave:** Teatro remoto. Ensino remoto. Aulas virtuais. Pedagogia do teatro.

## Abstract |

Three teachers from cities outside of the capital of São Paulo based their practical experience to write their reflections on a wide range of issues, which were faced in their formative path during the COVID-19 pandemic, in the 2020 academic year. They revealed and questioned three aspects that directly impact the remote classes - the space, the relationship between participants (teachers/students/institution), and the procedures used for the classes. They seek to examine and increase their knowledge, as they move through the current situation. Therefore, they engaged in a form of essay, which combines narrative, reflection, invention, and analyses.

**Keywords:** Remote theater. Remote teaching. Virtual classes. Theatre pedagogy.

"O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo."

Hannah Arendt

Na contramão das práticas onde os conhecimentos são repartidos e alocados em categorias específicas, a arte e a educação buscam o encontro, imbricando-se e borrando as fronteiras entre fazer e pensar, pensar e ensinar, artista e professor. É partindo deste borrar que observamos o labor de professoras(es) de teatro em tempos de pandemia; docentes submetidas(os) a novos desafios: ministrar aulas remotas.

Na referida condição, agrupamo-nos - três professores de teatro do interior do Estado de São Paulo - com a intenção de produzir uma reflexão teórico-artística acerca de experiências vividas nos diversos espaços (instituições) em que atuamos. Imersos na proposta de realizar as aulas nesse novo contexto, observamos diversas "adaptações" dos conteúdos e das formas de ensino do teatro, que reverberaram em situações outrora inimagináveis, sobre as quais nos debruçamos aqui.

Levando em consideração estas "adaptações", este texto constituiu-se como um esforço em configurar uma experiência de pensamento coletiva, compartilhada. Ou seja: três perspectivas postas em diálogo, materializando, por meio de palavras, aflições de um cotidiano muito específico, paradoxos de uma realidade que nos aflige e que nos convoca a pensar. Pontos de vista que procuram construir um percurso narrativo e reflexivo sobre o que temos vivenciado em nossas tentativas de ministrar aulas remotas de teatro.

Não se trata de apresentar qualquer resultado significativo de nossas práticas, tampouco revelar como o método ou plataforma utilizada têm oferecido diversos recursos de interação e aprendizagem. Nada disso. Trata-se de construir, diante do leitor, um exercício de pensamento em ato, afinal, dedicamo-nos a examinar juntos o que tem nos ocorrido, "[...] o que estamos fazendo" (ARENDR, 2010, p. 6). Portanto, há uma dimensão processual que percorre todo este trabalho.

Ora em primeira, ora em terceira pessoa; por intermédio de estrutura dramática; recorrendo à poesia, à música e à pintura; fazendo da escrita um exercício criativo; arriscamo-nos na tessitura de um texto híbrido, episódico, que se constitui quase como um experimento cênico. E cabe um aviso: você, leitor, não irá deparar-se com resultados de uma investigação finalizada a certo tempo, pelo contrário, o que oferecemos é um convite a pensar juntos as situações aqui expostas.

É no contexto de distanciamento social pandêmico, de enfrentamentos diários, que nos encontramos para produzir esta reflexão sobre aspectos que nos tomam de assalto a criatividade, o tempo, a arte e a saúde. É no olho do furacão, passados mais de seis meses de aulas remotas; no meio das decisões de retornar às atividades pedagógicas semi-presenciais; de ter de decidir por realizar montagens online com alunas e alunos, e considerá-las como apresentações teatrais ou não; que produzimos o que segue: uma tentativa de traduzir em teoria e arte nossa percepção sobre os enfrentamentos deste tempo.

### Isto não é uma porta, ou o que fazer quando se chega a lugar nenhum?

“Eu sou feita de madeira  
Madeira, matéria morta  
Mas não há coisa no mundo  
Mais viva do que uma porta.”

Vinícius de Moraes

A porta de entrada de uma sala de aula de teatro é sempre uma espécie de fronteira. Como se ela estabelecesse “um risco no chão” (MOREIRA, 2020), que ao mesmo tempo une e separa espacialidades e temporalidades distintas. Aquilo que está fora da sala, as demandas do cotidiano e as preocupações com futuros incertos, são convidadas a permanecerem suspensas. Não é sobre ignorar tudo o que ocorre na vida de cada pessoa que passa por essa porta mas, de algum modo, a mate-

rialidade da porta dispara naqueles que a atravessam uma sensação de adentrar um espaço protegido, um lugar onde é possível reinventar-se.

Dentro de uma sala de aula, ou de uma sala de ensaio, tudo parece adquirir uma outra importância, uma dimensão expandida. Um simples caminhar, um olhar que percorre outros olhares, o suor, o cheiro, o som, os corpos em movimento, cada efêmero segundo dentro de uma sala de aula de teatro é capaz de gerar um abalo sísmico em nossas certezas, em nossa compreensão sobre o que somos.

Mas, voltemos à porta. É ela que demarca essa separação entre um espaço-tempo dedicado às demandas do trabalho, da produção e do consumo e um espaço-tempo-outro, liberado da privacidade de nossos lares, liberado das preocupações sobre o futuro; um tempo livre (*scholè*)<sup>1</sup>, cujo vigor da inutilidade permite experimentarmos aspectos de nossa humanidade de maneira singular. Um tempo que nos permite tecer relações entre corpos e vozes diferentes das nossas, não condicionadas a uma função produtiva dentro de um contexto laboral.

Tão bela porta, que por vezes era batida com força num exercício de improvisação... outras vezes, aberta suavemente, quando alguém chegava atrasado. Afinal, quando estava fechada e a aula já havia começado, quem ficara para fora haveria de saber da potência que ali dentro era gerada. Quantos estudantes ficavam à espreita do lado de fora, no intervalo de uma aula, tentando ouvir o que ali dentro se passava.

Sua materialidade era capaz de “escancarar” acordos tácitos, de convocar estudantes e professores a “um mergulho num presente infi-

---

1. Para os gregos, era a *Scholè* que permeava o processo de formação das crianças e jovens. Consistia em um tempo livre dedicado ao estabelecimento de vínculos com a realidade e à atribuição de significados para com as coisas que configuravam o mundo; um tempo para ver e conhecer as obras, atos e palavras que constituíam a *pólis*; sem, necessariamente, gerar algum produto específico ou garantir uma utilidade prática. Nas palavras de Jacques Rancière (2018), a *Scholè* grega “[...] separa dois usos do tempo: o uso daqueles de quem a adstringência do serviço e da produção tira, por definição, o tempo de fazer outra coisa; o uso daqueles que têm tempo, quer dizer, que estão dispensados dos constrangimentos do trabalho” (RANCIÈRE, 2018, p. 672).

nito” (CARVALHO, 2016, p. 183); de instaurar momentos de atenção e criação, apartados de uma lógica que nos fragmenta e nos toma como peças de uma engrenagem, como apenas cumpridores de funções. Ao atravessar a porta, era a singularidade de nossos corpos e vozes que se fazia presente, sem qualquer mediação de uma tela.

Mas, por enquanto, estamos distantes.

*A porta, o risco no chão que separa, desmaterializou-se. Resta-nos um portal diferente, menos imponente, cuja linha de separação criada entre o mundo privado e o mundo da aula parece um tanto apagada. Em outras palavras, as dimensões espaciais e materiais que configuram a entrada em uma sala de aula de teatro e o que acontece dentro dela desapareceram. Em seu lugar, temos o famigerado link.*

**ALUNA 7** Cadê o link, professor?

**ALUNO 11** Não recebi o link para acessar a aula de hoje.

**PROFESSOR** Segue o link turma!

<https://meetup-join/19%3a2d0ed79318d141e68ff748eaaa-4c8b02%40thread.tacv2/1599589842064?context=%7b%22Ti-d%22%3a%22445c1a0c-216d-4ea4-a3e1-5814023343bd%22%2c%220id%22%3a%2240355c82-4525-41d0-acec-02c5ab-524f78%22%7d>

**ALUNA 4** O link é esse mesmo?

**ALUNO 7** Aqui diz: página não encontrada.

Formado por uma sequência de letras e números, geralmente grifado e escrito em azul, o link instaura-se como uma espécie de código de entrada a um novo sítio virtual, eletrônico. Não é preciso sair da cadeira; não há deslocamento espacial e não há deslocamento corporal. Há, simplesmente, uma nova tela, uma sala imaterial. Um “pseudo-território” de atenção e presença precárias, dependente da constância de um sinal invisível, que permite que nossos movimentos e palavras não sejam repartidos, fragmentados, paralisados.

Dito de outro modo, um *link* mais parece um caminho instantâneo para uma espécie de “lugar nenhum”<sup>2</sup>, no qual não compartilhamos de um espaço comum distinto de nosso ambiente privado, mas ao contrário, escancaramos pedaços de nossa privacidade nos pequenos quadros que nos delimitam. Nesses quadros, nossos corpos aparecem de maneira fragmentada, da cintura para cima. Ou, com muita sorte, se nos distanciarmos da câmera podemos exibir-nos quase que inteiros (isso, se o espaço de nossas casas ou o fio do fone de ouvido nos permitirem). Ou quem sabe, ainda, se o conjunto de situações que seguem ocorrendo pelos cantos da casa enquanto a aula desenrola, possibilitar que nossos corpos e nossa atenção sejam minimamente compartilhados com o restante da turma.

Não são poucos os dilemas que emergem diante de professores e estudantes de teatro ao “adentrarem” uma sala de aula virtual. O principal deles, talvez, seja compreender o que é possível (e se é possível) experienciar artisticamente nessa espécie de “lugar nenhum”. E parece não haver outra possibilidade de alcançar essa compreensão, senão por meio da tentativa. E assim vamos tentando, tentando, tentando... incentivar nossos alunos e alunas e estabelecer alguns combinados para o desenvolvimento da aula. Tentando compreender as diferentes realidades por detrás das telas; tentando não desmoronar pela frustração; tentando encontrar brechas, fissuras numa virtualidade que, muitas vezes, torna gélida a potência inerente à presença dos corpos.

*Os alunos e alunas – que disseram sim e permaneceram dispostos a seguir virtualmente – também compartilham dessas tentativas. Quando o link é acessado, lá estão, com ou sem câmeras, usando da palavra quando é possível, ou apenas dedicando-se à escuta. Tentam, apesar da*

---

2. Fazemos uso aqui da expressão “lugar nenhum” no intuito de denominar esse espaço virtual desterritorializado a que um *link* nos conduz. Afinal, não há materialidade ou qualquer localização específica. Resta um encontro entre imagens num ambiente virtual, que se desfaz ao fim de uma aula.



*precariedade dos meios e das incontáveis interferências que lhes fogem do controle.*

**PROFESSOR** (Tentativa nº1) Hoje vamos ler um texto, dedicar um momento maior à teoria.

(Tentativa nº 7) Hoje gostaria de propor que vocês investiguem movimentos com as mãos, exploraremos essa parte do corpo diante da tela.

**ALUNO 1** (Tentativa nº 13) Oi Professor, estou cuidando da minha irmã e acompanhando a aula, por isso não abri a câmera, mas estou tentando fazer.

**PROFESSOR** (Tentativa nº 21) Hoje gostaria de trabalhar com paisagens sonoras e a experimentação de sonoridades.

**PROFESSOR** (Tentativa nº 32) Hoje, trabalharemos com improvisação. Quem não puder ligar a câmera realiza o exercício através do som.

**ALUNA 2** (Tentativa nº 41) Tentei realizar a atividade, mas minha internet está travando, não sei se vocês me viram. Minha imagem está aparecendo?

Destas tentativas, o que surge? Um fio de experiência? Para quem? Para quantos? Alguma constatação? Talvez, ao menos uma: um link não é uma porta! (Fig. 1)



**Figura 1.** *A traição das imagens* [1929], de René Magritte. Arquivo da web.

Que falta faz a materialidade da porta, da sala de aula; quando se fazia necessário apenas estar “presente”, sem a mediação de uma tela, de uma máquina, de uma banda larga de qualidade, de uma rede móvel 4G capaz de estabelecer uma conexão minimamente razoável para participar de uma aula de teatro! O *link*, que permite rapidamente reduzir distâncias geográficas, parece criar um abismo entre corpos e vozes. Sua capacidade de instaurar virtualidades, onde nossas imagens são compartilhadas, é surpreendente. Entretanto, isto não é uma porta!

**Quando atravesso uma porta e adentro uma sala de aula de teatro, meus olhos capturam as imagens dos corpos em ação, ao passo que meus outros sentidos relacionam-se com tudo o que se passa diante de mim e comigo. A materialidade dos ruídos, dos cheiros e da tatilidade fazem da presença viva de cada sujeito um ingrediente indispensável.**

Pelo *link*, invadimos um universo de imagens virtuais, de projeções fragmentadas de corpos e vozes. Ainda que sons e movimentos sejam criados e efetivados por cada pessoa diante das telas, o que vemos e ouvimos do outro lado é mediado por códigos binários; por um sistema virtual que transforma nossa materialidade em uma representação de nós que, por vezes, consegue movimentar-se e proferir palavras; por vezes, permanece imóvel, congelada, incapaz de compartilhar o simples ruído de uma respiração.

Não se trata de negarmos que, diante do cenário pandêmico, o *link* é o único mecanismo de acesso que nos resta; seja para falar sobre teatro; para tentar realizar um jogo ou uma improvisação, ou para, ao menos, nos mantermos juntos, em torno desse assunto comum, que nos mantém simbolicamente vivos. Mas, vale termos ciência dos limites implicados nessa sequência de letras, número e códigos, para não acreditarmos cegamente em discursos impostos sobre as maravilhas do universo digital.

O *link* não nos oferece a entrada a um lugar material, onde nos sentimos protegidos, seguros para nos lançarmos ao imponderável da criação artística. **Isto não é uma porta!** Não dá conta de suspender por algum tempo o que ocorre na privacidade dos nossos lares para que possamos, efetivamente, estar apenas “para o teatro”. **Isto não é uma porta;** ainda que, por enquanto, seja o meio de mantermos contato uns com os outros e de alimentarmos, mesmo de modo precário, nosso “desejo pelo teatro” (PUPO, 2015). **Isto não é uma porta!**

## Instabilidade na rede: como se segurar nas aulas de teatro remoto nos poucos fios que ainda resistem?

*O professor de teatro é destes polivalentes (como todos nós acreditamos ser); ensina jogos, história do teatro, dramaturgia, corpo, voz e*

*montagem. Falando com entusiasmo, o professor revela à única aluna presente em sua sala de aula virtual como tem gostado de aprender a lidar com as novas tecnologias que lhe foram oferecidas pela escola como ferramentas de aula.*

**PROFESSOR** (Tentativa nº 49) Esta plataforma que a instituição disponibilizou é realmente muito boa; posso controlar o conteúdo planejado; escolher os exercícios que trabalharemos olhando para o plano de aula que fica disponível em uma janelinha do lado do “cardápio” de atividades que o programa me oferece.

*A aluna sente que há algo errado com a fala do professor. Afinal, ele colecionava críticas às constantes adaptações que teve de submeter suas aulas nos últimos meses em nome do ensino remoto de teatro. Ela entende que seu professor cansou de problematizar o uso das novas tecnologias como auxílio educacional versus a tecnologia como mediadora exclusiva do ensino.*

**ALUNA 13** É sério isso?

**PROFESSOR** (Continua, como se não estivesse ouvindo a aluna) Nós vamos mudar nossa aula de hoje; aliás, vamos considerar o último tópico trabalhado como finalização daquele conteúdo e daremos início à nova matéria.

**ALUNA 13** (Tenta novamente) Professor, professor...!

*A aluna sente na prática as diferenças qualitativas do ensino remoto. É motivada por este saber prático e pela sensível percepção de mudança de opinião e postura do professor na aula, que insistiu na comunicação.*

**ALUNA 13** Será que deu problema no meu microfone? Me ouve professor? Professor, está me escutando?

*Apesar do controle emocional e físico do professor em não esboçar reações aos chamados da aluna, ela percebe um olhar direto, que atravessa a câmera e carrega, por milésimos de segundos, a confirmação daquilo que ela já estava a desconfiar.*

**ALUNA 13** Professor, professor...! Está brincando comigo? Faz parte da aula ou... “Vampirizaram” você? (*em tom de deboche*) “[...] reorganizaram clandestinamente o funcionamento do poder [...]” e fizeram ajustes de procedimentos técnicos minúsculos buscando operacionalizar uma “vigilância generalizada” (CERTEAU, 1994. p. 41).

*O professor não reage. Teria caído o seu sinal? Uma pequena travada, destas que a gente tem de repetir os últimos segundos de fala? Ou foi possível entender, mesmo com a conexão falha? Nada disso. Não era o sinal. Ele envia uma mensagem a ela pelo chat, dentro da própria sala virtual. A mensagem, instrutiva, diz:*

**PROFESSOR** No meio da sua tela aparecem umas funções, entre elas tem o desenho de uma mãozinha. Quando quiser falar, aperte a mãozinha e vai aparecer aqui para mim que você está pedindo a palavra. Aguarde até que eu sinalize que pode se manifestar.

*Tentando manter uma expressão de quem escreveu tal instrução com a maior naturalidade do mundo, o professor revela um nervosismo constrangedor. Fazendo esforço desmedido, continua seu texto mal ensaiado, deixando transparecer que alguma coisa está “fora do seu roteiro oficial”.*

**PROFESSOR** ... tomara que, quando voltar às aulas presenciais, nós possamos continuar usando essa ferramenta. (*fala como que em tom de quem revela um segredo*) Gravar as aulas é realmente importante... importante para que alunas e alunos possam rever o conteúdo sempre que precisarem.

*Tendo certeza de que algo havia acontecido entre a última aula e a de hoje, a aluna opta por jogar o jogo. Afinal, ela sabia muito bem jogar em cena e conhecia aquele professor; sabia de sua perspectiva crítica. Ela desconfia que a nova postura do professor pode ser uma provocação, uma espécie de jogo teatral adaptado ao ambiente virtual. Então, ela joga.*

**ALUNA 13** Claro professor, com essa plataforma online vai ser bem mais fácil você controlar o conteúdo das aulas, as notas, as faltas, e até deixar exposto todo o material e outras referências para que possamos acessar quando quisermos. Nossa...! Maravilha mesmo. Talvez, até o ano que vem, desenvolvam uma plataforma de aula online que nos possibilite sentir o cheiro, o toque do outro; perceber a respiração que ofega ou alivia o tônus muscular durante um olhar trocado na cena... eles já devem estar pensando em uma solução bem segura, distanciada, bonita, tecnológica e convincente para fazer isso. Vão convencer todo mundo de que a presença é desnecessária, não só ao teatro, mas à vida. E tem mais, com certeza, dirão que é mais seguro. Já devem estar trabalhando nisso! Será ótimo! Já imaginou uma plataforma assim...?

*O professor, em um ato de desespero, muta o microfone da aluna e tenta retomar sua fala.*

**PROFESSOR** É... bom, eu..., como estava dizendo.... Então, eu vou continuar de onde parei...

*Imediatamente após ter mutado o microfone da aluna, toca um alarme sonoro e aparece um alerta em forma de mãozinha amarela na tela do professor. Ele, já trêmulo, continua sua fala mergulhado numa linha de pensamentos afirmativos com relação à manutenção das aulas pela plataforma. Volta a falar da aula de hoje.*

**PROFESSOR** Como está no plano de aula de vocês - podem conferir na aba calendário -, hoje estávamos preparados para fazer uma leitura dramática. Continuaremos com esta atividade, mas eu mudei o texto que vamos ler. Ao invés de continuarmos com o teatro épico, vamos ler um drama clássico.

**ALUNA 13** Professor, eu estou pedindo a palavra, vai me ignorar?

**PROFESSOR** Não! Eu, é..., tudo bem, eu não tinha percebido aqui..., eu estava só concluindo o raciocínio.

**ALUNA 13** Achei que você estivesse sem rede, com problema de conexão. Eu não entendi muito bem o que está acontecendo para agir assim, se eu não puder falar, terá de mutar meu microfone. Assumiremos nós dois as responsabilidades de nossas ações.

*Sensível às mudanças comportamentais do professor, a aluna continua a jogar o jogo, mas desconfiada de outra coisa: não sabia se aquela postura era mesmo uma estratégia de jogo/aula, ou alguma censura velada por parte da escola com o professor, disfarçada de orientação pedagógica. Mesclando momentos como personagem e outros como atriz, continua o jogo, atenta.*

**ALUNA 13** A leitura que faremos está em seu plano de aula, e foi uma escolha coletiva, democrática. Porque não vamos ler mais o Brecht professor? Porque vamos ler um “drama burguês”?

**PROFESSOR** É..., bom, não veja por este lado. Pense assim, por que não um texto dramático? Pode ser um drama clássico da dramaturgia mundial, trata de assuntos universais, cai no gosto de todas as pessoas... Enfim, pode muito bem ser um clássico!

**ALUNA 13** Sim, poderia ser um clássico, mas podia o tempo todo, não apenas agora. Todos já sabíamos disso quando escolhemos o Brecht, e ainda assim, vimos maior relevância em ler uma peça que contribua com a reflexão sobre as questões estruturais da vida. Professor, me recuso a participar da aula caso não mantenhamos a decisão coletiva e tenhamos de engolir essa arbitrariedade.

**PROFESSOR** Não é arbitrário, é uma orientação.

**ALUNA 13** Não, não é uma orientação, é uma imposição. A repressão foi real, “[...] não é conveniente deixar que sua importância histórica concreta desapareça.” (BURKE, 1992. p.128). Vou me manter atenta.

**PROFESSOR** A democracia tem seus limites. Estamos em número par, porque você é a única aluna na aula de hoje. Você aluna e eu professor... você se encontra em desvantagem.

**ALUNA 13** Não professor, você está em desvantagem. Não sou a única aluna na sua aula hoje, sou a única, por enquanto, até o fim deste ano. A desvantagem não é minha...! Toda a estudantada aderiu ao trancamento de matrícula. Eu optei por permanecer. Tenho muitos motivos que me fazem tomar a decisão de ficar, mas terei um grande motivo para trancar minha matrícula caso não possamos dar continuidade aos estudos do teatro épico. Não tente aliviar este ato de censura, isso é grave!

*O professor é colocado pela aluna questionadora num lugar dúbio. Por um lado, ela o faz sentir muito orgulho da postura crítica, consciente, aguerrida e engajada com seus propósitos que apresenta; mas por outro, sente-se em situação delicada com a instituição contratante: além de não conseguir impor a mudança nos conteúdos de aula, vê cair por terra a autoridade que a instituição o cobrara na última reunião de professores. Vê seu emprego em risco.*

*Ele, desconfortável com toda a situação, respira fundo, ergue a cabeça e muda de semblante. Esboça um breve sorriso, que lhe escapa pelo canto da boca fazendo com que o clima, para ele e para sua aluna, fique mais leve. Em meio a toda uma carga de pensamentos que lhe ocorrem de maneira muito veloz e repentina, ele aperta o botão de gravar a aula. Ao aparecer a mensagem GRAVANDO escrita no canto superior esquerdo da tela, a aluna percebe a mudança de energia do professor, refletida na musculatura facial. Ela, entendendo o que lhe parecia óbvio, também relaxa e solta um breve sorriso, acompanhado de uma gargalhada.*

**ALUNA 13** Eu sabia...! Eu sabia que isso era um jogo. Você é sensacional... amo suas aulas... Você é incrível, que dialética... este é o motivo pelo qual não tranquei minha matrícula. É óbvio, isso tudo é um jogo! Você estava usando da contradição para me fazer construir uma



linha argumentativa crítica... exatamente como faz o Brecht. Você “[...] começou a elaborar uma série de recursos ‘épicas’ destinados a impedir a ‘empatia’ e a identidade vivencial” (ROSENFELD, 1968. p.126); criou uma situação imaginativa, possível e até provável nos tempos de hoje, para me fazer atuar, mostrando os diversos pontos de vista cabíveis na situação; você é incrível professor. Eu entendi tudo. Você, assim como o Brecht, coloca a estética a serviço da ética! Isto é sensacional; com o uso deste pensamento teatral, não anestesiemos o público, pois ele transita e pensa sobre cada uma das possibilidades apresentadas. Isto possibilita que o público também pense sobre os ocorridos; possibilita que ele escolha. Professor, esse teatro épico é mesmo maravilhoso. Sabe por que eu não tinha dúvidas sobre os argumentos que iria usar para rebater sua postura? Sabe? Porque eu tinha conhecimento do contexto, tinha um conhecimento histórico, uma vivência com você professor; o que me permitiu agir a partir de escolhas, mesmo que escolhas difíceis. Eu nem acredito... Em diversos momentos tive medo de que tudo podia mesmo estar acontecendo de verdade. (Rindo) Achei mesmo que sua aula estava sendo vigiada, sei lá, nestes tempos em que vivemos, eu não duvidei que podia ser isso. Mas que bom, que bom professor que era uma estratégia de aula. Suas aulas são inesquecíveis.

*Um silêncio longo se estabelece. A aluna chama o professor, que não responde. Ela insiste e nada. Percebe que a imagem dele não está travada. Ela vê a alegria escorrer pelos cantos da boca e olhos do professor que, lentamente, abaixa sua cabeça.*

*(Longa pausa. O professor levanta a cabeça e deixa seu sorriso escapar totalmente. Ele se livra do peso que parecia carregar)*

*Ele lê uma mensagem no celular. A chamada com a aluna é desligada.*

**ALUNA 13** Professor... Professor... Professor...!

## Câmera Aberta - Câmara Fechada: A meia Vida ou Quase

## Nada das Aulas de Teatro na Internet.

"Vemos meios rostos, respiramos pela metade, dizemos meias palavras no dobro do volume e mal vivemos, isso se sobrevivemos [...] tudo isso é o oposto do que vivemos, é muita reserva, muita inibição. [...] não quero mais respirar menos, e não aguento mais esse contato plástico. Quero que o sol continue acariciando minha pele. Que qualquer um me acaricie simplesmente por podermos oferecer um pouco de ternura sem sentir medo. [...] por quanto tempo podemos sobreviver no modo sobrevivência? Sinto falta de ter vontades."

Halawi

O que era provisório, tornou-se permanente. O temporário, substituto, passou a ser efetivado de modo absolutamente comum. As práticas de ensino, até então na sua grande maioria presenciais, da noite para o dia, tiveram como única opção - para continuarem existindo - o uso das redes (que na mesma medida em que conectam, também aprisionam) e plataformas virtuais para o estabelecimento do contato/mediação entre alunos-professores-instituições-pais (não necessariamente dentro desta ordem).

A tela, do celular, da TV, do computador. A tela como forma geométrica retangular. Janelas na tela. Muitas janelas. Janelas... "Pela janela do quarto, pela tela, pela janela quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado. Remoto controle" (CALCANHOTTO, 1992); Adriana Calcanhotto já previa o remoto controle. As telas nos enquadram em janelas; nos dividem em molduras, fragmentos de nítidas e delimitadas fronteiras que não convergem, não comungam (Fig. 2). Os territórios janelas/molduras/telas nos tornam seres cada vez mais fragmentados e distantes, na grade que se abre na aula que inicia.

O modo como as telas, janelas, ruas, casas, bairros e mapas foram esquadrejados, divididos, parece ser uma forma bastante persuasiva de impor uma relação emoldurada e distante.



**Figura 2.** *A condição Humana* [1933], de René Magritte. Arquivo da web.

“Uma caixa bem na praça, uma caixa bem quadradinha  
 Uma caixa, outra caixa, todas elas iguaizinhas  
 Uma verde, outra rosa e uma bem amarelinha  
 Todas elas feitas de tic tac, todas elas iguaizinhas.”

Paulinho da Viola

Olhando de cima a formação de uma aldeia, em uma comunidade indígena, chama a atenção o fato de a arquitetura do espaço ser circular, e que esta circularidade seja correspondente às relações daquele conjunto de pessoas, com suas trocas, comunhões e interações permeadas por um contato outro, distinto daquilo que concebemos como sociedade “ocidental desenvolvida” (com todas as aspas possíveis).

Nós, ao contrário dos povos originários, vivemos em “caixas bem quadradinhas”. Somos quadrados! Vivemos emoldurados nas telas, em janelas que não nos dão mais ar, não arejam, mas sufocam uma vida já resignada ao “mas é o que temos, fazer o que, não é?!”. Quando foi mesmo que tudo isto começou?

**O que é tudo isto? Já acabou e só eu ainda estou aqui, na janela, vendo a banda passar; sentindo-me a moça feia, debruçada, achando que a banda toca para mim? Às vezes, fico a pensar que nunca houve vida fora da janela. O tempo dilata-se deste lado, onde busco descortinar esta tela, quebrando molduras/amarras, às mar-ras.**

No começo, lá quando tudo começou, em fins de março de 2020 e início de abril, isso era novidade. O mundo digital ao nosso alcance. Podia ser *slogan*; tem apelo de venda. E vendeu, vendeu demais. Pais, escolas, professores e alunos compraram a ideia.

Finalmente, o século XXI começava, não mais com a possibilidade, mas com a realidade das aulas virtuais. O frescor da novidade excitava a nova relação. O tal *home-office* encantava pela praticidade e conforto de poder trabalhar sem sair da casa/caixa. Aos privilegiados, bastava abrir mais uma janela.

**E eu, assim como meus amigos que aqui escrevem, brancos, héteros e cisgênero, temos este privilégio; afinal, nosso direito, nós merecemos este conforto. Meritocracia que chama né?! (ALERTA: a frase anterior contém alto teor de ironia).**

*A aula começa. Muitas janelas na grade. A grade.*

**PROFESSOR** (Tentativa nº 51) Boa! Que saudade!

Liga o som!

Caiu? Voltou?!

Você está falando com o microfone desligado.

Nossa, que barulheira no fundo.

Desliga o microfone.

Tá dando eco.

Liga a câmera!

O que, não tem câmera?

Fala!

Vai escrever no chat.

Ah, tá bom...

Alguma pergunta?

É isso então?!

Beleza!

Até semana que vem.

(Tentativa nº 67) Oi.

Bom dia!

Vocês estão aí?

Ah, que bom...

Não querem ligar a câmera?

Vergonha?

Estão fazendo figurinhas.

O sinal está ruim.

Ah, tudo bem então...

Alguma dúvida?

Beleza, boa semana e até semana que vem!

(Tentativa nº 78) Dia.

Tudo, e vocês?

Dúvida?

Beleza, até semana que vem.

(Tentativa nº 83) Oi.

Até.

(...)

A novidade perdeu o sabor, tão logo seu início. Desfez-se, como torrão de terra seca no vento. Tornou-se poeira, esvaziando o que tínhamos de mais valioso: as relações. Se nas mídias sociais as câmeras com dezenas de filtros enchem a juventude de cor, vigor, beleza e senso de humor, nas aulas virtuais a solidez da rotina sem filtro é crua e cruel. Cruel, no sentido que o esforço daquilo que se faz de um lado da janela quase sempre será compreendido de forma mais branda, menos intensa; uma meia vida para o outro lado, ou quase nada.

Partindo do princípio de que o teatro se faz na presença, na presentificação do tempo e do espaço que possamos vir a compartilhar, como partilhar algo quando não há presentes? Quantas mais janelas estão abertas, além da minha, quando me disponho a dar aulas para câmeras fechadas? **Como pedir algo tão delicado?!**

*Alunos passam a ser câmeras fechadas, abertas só na sua reduzida minoria.*

**PROFESSOR** (Tentativa nº 89) Por favor, você poderia abrir a câmera?

Poderia mostrar seu espaço?

Sua casa?

O quarto que divide com o irmão?

A sala onde dorme?

A briga dos pais?

A falta dos pais?

Poderia mostrar sua fome?

Sua miséria?

Abre a câmera e me revela suas vergonhas íntimas.

**Quando foi que as placas de alerta com a mensagem “cuidado, você está sendo filmado” passaram a estabelecer um significado tão forte em nossas vidas? Perdi esse momento de passagem. Acordei, e parece-me que tudo mudou de repente, sem transição.**

A câmera fechada é um reduto de proteção; um não revelar de um espaço íntimo, que deve ser preservado a todo custo. Por outro lado, a câmera fechada desumaniza ainda mais a relação já conturbada pela virtualidade das janelas e grades. A falta da imagem da face da outra pessoa nos distancia, e faz com que o momento de troca se perca em uma via de mão única, um monólogo.

**Nesse monólogo sonso e chato, eu, na figura do professor, tenho a impressão de falar sozinho para um público distante, sem entusiasmo e cansado, extremamente cansado.**

Como seguir, face a essa dualidade posta pela relação mediada pelas telas? Seria um falso problema, as câmeras abertas ou fechadas? São relações virtualizadas, e pouco ou nada vividas? Estaríamos fadados a este “novo normal”, que de novo e de normal nada têm, além de acentuar vigorosamente o desmantelamento e a absurda cisão entre classes dominantes e dominadas? Essa cisão replica-se entre instituições públicas e privadas; entre aqueles que têm condições e os que estão à margem, não tendo câmeras, redes ou janelas para se debruçarem.

Será que, de forma fatídica, a pandemia nos venceu? Que não há mais luta, apenas “redução de danos”? Ampliaram-se distâncias, que pareciam em tendência de diminuição, sobretudo quando olhávamos pelas lentes da educação, do teatro e do fazer artístico. A pandemia, descontrolada, trouxe a flecha ao nosso calcanhar e, como Aquiles, padecemos. O isolamento social; a distância do contato; a falta de vida, de interação, de presença e de trocas efetivas fez com que, gradativamente, nos tornássemos protocolares, cumpridores de obrigações. Mas, faz-se necessário e emergente uma mudança de postura, um olhar crítico e contestador para o que está dado como única saída. Há de haver portas para além das janelas, círculos que possam arredondar as duras molduras.

Sem olhar o porvir de forma açucarada ou romântica, o dia a dia de aulas virtuais têm mostrado o quão difícil será recuperarmos o que

deixou de existir com a impossibilidade da presença. Mas, o desejo e a potência de uma sala de aula podem nos mostrar o quão forte e significativa é a troca em uma aula de teatro.

## Restabelecendo conexões: considerações que "anti-cedem" aos finais

Articulando a forma ensaística e as situações apresentadas até aqui, tecemos algumas considerações, tomando como referência o processo improvisacional do teatro. Para tanto, adotamos a estrutura metodológica "Onde, Quem e O quê" (SPOLIN, 2008, p. 48), da seguinte maneira: ONDE, a sala de aula (espaço físico ou virtual); QUEM, Professor e alunas(os); e O QUE, a aula de teatro.

### ONDE

Em um jogo teatral ou exercício de improvisação, a delimitação do lugar onde acontece a cena é fundamental. Muitas vezes, o tomamos como proposição principal para a criação de uma situação cênica. Outras, buscamos compreendê-lo a partir das personagens ou das ações que realizam. Em todo caso, pontuações como "A partir do onde vocês deverão estabelecer relações entre si e configurar ação e personagens"; "É preciso que o público reconheça onde vocês estão!", ou "O onde ficou evidente, pessoal?" costumam integrar o cotidiano das mais variadas aulas de teatro.

Se dedicarmos atenção a elas, podemos inclusive nos indagar sobre a espécie de cena que temos nos esforçado em criar com nossos alunos e alunas em meio à pandemia. Que onde é esse em que temos tentado ministrar aulas de teatro remotas?

Já vimos o onde como um *link*, um "lugar nenhum", virtual, no qual as imagens das pessoas manifestam-se, também por meio de sons e pala-



vas escutadas ou escritas em uma tela. Um onde em que o professor, por vezes, fala sozinho com outras fotos. Falamos do onde como um conjunto de janelas, quadrados, caixinhas e grades, que estabelecem ligações precárias e bidimensionais entre aquelas e aqueles que ainda tentam falar sobre teatro. O onde é, também, nossos quartos, salas e cozinhas; espaços de nossas casas que deveriam nos garantir certa privacidade. Espaços que estariam separados do que nos acontece na materialidade da sala de aula e que agora são exibidos, nas particularidades dos nossos lares. A exposição involuntária acaba condicionando nossos alunos e alunas a ligarem ou não suas câmeras.

Que onde é esse? Uma corda bamba invisível, tensionada de um lado pelo compromisso que temos com alunos e alunas e com seus desejos de seguirem fazendo teatro e, do outro, pela constante vigilância das instituições, que deveriam ser as primeiras a problematizar as circunstâncias e a propor caminhos mais dignos e humanos aos seus professores e estudantes. Instituições que deveriam, ao menos, perguntar: O que podemos fazer? Como podemos fazer? Em nome de quê faremos?

Parece ser difícil delimitar de maneira única que lugar é esse que temos improvisado. Afinal, trata-se de um onde multifacetado, privado, virtual, sob vigilância e precário. Mas, e se respondermos à pergunta “que onde é este?” a partir daquilo que ele não é? Vejamos: não se trata de um lugar comum aos estudantes e professores. Não é distinto do âmbito privado, em seus cheiros, cores, sons e singularidades. Não tem porta. Não reúne corpos que se afetam a todo instante por meio de atos e palavras. Tampouco, permite que um grupo de estudantes cante em uníssono uma mesma canção e perceba ressoar em seus corpos a potência do som gerado coletivamente. Não se trata de uma sala de aula de teatro, onde podemos falar uns com os outros, todos ao mesmo tempo e, ainda assim, nos entendermos. Não é um lugar onde podemos nos dividir em grupos e combinar uma cena; um espaço onde adentramos para

sermos vistos e ouvidos por outros e para ouvir e ver a presença pulsante de outras vidas, sem o risco de nossa conexão cair.

Ter ciência do que não configura esse onde, talvez, nos auxilie enquanto improvisamos. Inclusive, para compreender quem são essas personagens que contracenam e o quê, afinal, elas fazem juntas.

## QUEM

"Quando certa manhã Gregor Samsa despertou, depois de uma noite mal dormida, achou-se em uma cama transformado em um monstruoso inseto. Estava deitado sobre a dura carapaça de suas costas, e ao levantar um pouco a cabeça viu a figura convexa de seu ventre escuro, sulcado por pronunciadas ondulações, em cuja proeminência a colcha mal podia aguentar, pois estava visivelmente a ponto de escorregar até o solo. Inúmeras patas, lamentavelmente esqueléticas em comparação com a grossura comum de suas pernas, ofereciam aos seus olhos o espetáculo de uma agitação sem consistência. O que aconteceu? Não estava sonhando."

Kafka

Uma das questões pulsantes no transcorrer deste percurso de reflexões e vivências seria quem éramos antes do advento das aulas remotas e em quem (ou em o que) estamos nos transformando.

Em um breve exercício, sem muito esforço, ainda é possível rememorarmos as salas de aula, de ensaio e de trabalho: cadeiras afastadas, pés descalços, olhares ávidos e atentos ao jogo, às proposições; os corpos dispostos e disponíveis ao encontro, às trocas e ao contato, ao simples contato. Éramos seres em relação direta; vozes que se mesclavam num mesmo lugar. Éramos alunas, alunos e professores em presença física, em trocas constantes; fossem elas traduzidas em palavras e ações, ou tácitas, presentes em olhares e percepções sensíveis sobre as experiências vivenciadas ao longo das aulas.

Eis que fomos dormir... E ao alvorecer de uma noite lancinante, as formas tão habituais e humanas, cotidianas, quase prosaicas, haviam se

diluído em algo impalpável e absolutamente insosso. Aquelas aulas, sustentadas pelo encontro e desenvolvidas na presença de alunos, alunas e professores, passaram a não mais existir.

Da noite para o dia, a nova forma nos transformou. Essa metamorfose não se fez de modo abrupto e instantâneo; ao contrário, ela é gradativa e ainda se dá. Paulatinamente, estamos em processo de modificação. A atualização de “quem somos” está sendo realizada com sucesso: o espaço virtual também nos virtualiza.

O tempo de distância tem nos silenciado, mais e mais a cada dia. E não nos microfones *mutados*, mas na apatia, na perda de desejo, libido e excitação em relação ao aprender, tanto por parte dos alunos e alunas quanto dos professores. Hoje nos deparamos com uma exaustão que esgarça nossos ânimos e nossa ânsima.

Estamos em um processo de metamorfose, de aceitação de absurdos. Não por acaso, recorremos ao primeiro parágrafo de *A Metamorfose* (2007), de Kafka, quando o autor narra o clímax da transformação de sua personagem em inseto. Algo que soaria absurdo e chocante, no transcorrer do enredo é encarado com objetividade, frieza e normalidade, fazendo com que a perplexidade do leitor seja ampliada. Vemos muita semelhança nessa relação com o que nos passa no presente momento: nos transformamos em algo inimaginável, mas agimos com normalidade, como se tudo fosse comum. Perdemos nossa capacidade de nos espantarmos com o irreal, que nos toma<sup>3</sup>.

Estabelecer de modo conclusivo “quem somos” nos tempos que correm seria um equívoco tremendo: não apenas seguimos sendo, mas também podemos modificar “quem somos” a todo instante, por força de realidades e contextos distintos. No entanto, talvez seja possível afirmar

---

3. O estado do que se passa beira o surreal, e não por coincidência usamos imagens do pintor surrealista René Magritte neste escrito.

que hoje somos “demasiadamente menos” do que éramos. A afirmativa não nos surpreende, ela é óbvia, como a conclusão de que o sal é salgado.

## O QUÊ

“quem somos  
o que queremos  
logo saberemos  
por enquanto sabemos que  
um gesto  
uma palavra  
podem transformar o mundo  
qual deles  
qual delas  
saberemos já já  
essa a missão do artista:  
Experimentar  
por isso somos precisos  
por dar novas vidas  
pelo que – ainda não – é  
pelo que – quem sabe – será  
o que somos  
o que queremos  
saberemos juntos já já.”

Chacal

O O QUÊ complementa e imprime qualidade ao QUEM e ao ONDE; o que significa dizer que, num primeiro momento, QUEM e ONDE configuram-se como indícios, evidenciando-se aos olhos do público apenas por meio da ação, ou seja, a medida que o O QUÊ vai sendo realizado.

Na cena “Instabilidade na rede: como se segurar nas aulas de teatro remoto nos poucos fios que ainda resistem?”, por exemplo, é por meio dos atos e palavras do professor e da aluna que vamos, de fato, desvendando quem são; ainda que o onde já esteja previamente informado (a sala de aula virtual). É a partir do encadeamento de suas ações que somos capazes de inferir, inclusive, certas transformações nestes QUEM.

Se em um primeiro momento, a figura do professor inibe a manifestação da aluna sem motivo aparente e altera o conteúdo da aula de maneira autoritária, mostrando-se como um determinado sujeito; em um segundo momento, frente aos questionamentos da aluna, suas ações, constituídas não por palavras, mas por pequenos gestos e expressões faciais, nos permitem tecer outras impressões sobre o QUEM revelado anteriormente.

Mesmo tendo dito sim à realização das aulas remotas, professor e aluna transitam por universos conflitantes que alteram suas ações. O espaço, antes físico, passa a ser virtual; os QUEM tornam-se imagens delimitadas por janelas. Aquilo que era entendido na realidade concreta passa a ter outras leituras na realidade virtual. A natureza própria da transmissão remota cria uma espécie de abstração nas relações.

Professores e estudantes, na tentativa de identificar os elementos que configuravam algumas regras básicas do jogo (tais como dentro e fora da sala de aula; o silêncio na realização de um exercício; ações individuais e coletivas em presença física etc), encontram-se deslocados. A presença virtual também virtualiza o O QUÊ, que sofre mediações - pela qualidade do sinal da internet, pela câmera aberta ou fechada, pelo áudio digital, pelo ambiente recortado, no privado de seus lares.

Nesse processo de virtualização das aulas de teatro, não se pode reduzir as problemáticas enfrentadas remotamente ao simples fato de as aulas agora serem mediadas pelo computador. É preciso levar em consideração esse novo o quê, ou seja, nossos próprios atos e palavras enquanto professores e estudantes tentando constituir os sujeitos que se dedicam ao estudo e prática do teatro. Nesse sentido, pensar o O QUÊ é pensar nossas ações em aulas remotas, e como elas são reveladoras de quem somos. É também retornar à pergunta: o que estamos fazendo nessa espécie de lugar nenhum?

## O que de fato interessa em tudo isso: pensar o onde, quem e o quê

Para além das questões mais especificamente da técnica teatral, cabe refletir sobre as condições pelas quais foram submetidos alunos, alunas e professores com o processo de realização de aulas teatrais remotas. Apesar de algumas condições poderem ser adaptadas às lógicas do *online*, há outras que não apenas perdem em qualidade, mas correm o risco de se desviarem pelos sinais remotos e invisíveis da internet. No final de tudo, os prejuízos são sentidos na pele, na concretude da vida de professores e professoras, alunas e alunos.

Para além de dizer *sim* ou *não* ao processo de aulas remotas de teatro, mais do que nunca, torna-se imprescindível que avaliemos quem nós éramos e somos, onde estávamos e estamos, e o que faremos a partir daqui. Há muitas coisas e responsabilidades em jogo. O que buscamos materializar ao longo desse texto passa exatamente pelo esforço de compreender o que tem nos acontecido nestes tempos sombrios.

Nesse sentido, conclusões seriam reducionistas, visto que realizamos uma reflexão ainda sem sabermos quais os seus desdobramentos. Apesar das dificuldades, torna-se necessário que não nos eximamos da responsabilidade de pensar; não apenas para que não sejamos engolidos pelo que nos parece ser imposto como única alternativa. Também, e sobretudo, para que seja possível construir caminhos outros, que façam sentido às práticas pedagógicas e artísticas. Se elas se desdobram de novos modos de vida, enfatizam com isso a necessidade de nos posicionarmos, e resistirmos.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARVALHO, José Sérgio. *Por uma pedagogia da dignidade: memórias e reflexões sobre a experiência escolar*. São Paulo: Summus, 2016.

CHACAL. Poema para ser transfigurado. In: CHACAL [DUARTE, Ricardo de Carvalho]. *Belvedere*. São Paulo: Cosac Naify. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, p. 14.

HALAWI, Wafá'a Celine. Cidade sem janela. *Revista Piauí*, nº 168, p. 36, Set., Rio de Janeiro, 2020.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MORAES, Vinicius de. A Porta. In: \_\_\_\_\_. *A arca de Noé*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MOREIRA, Thiago Miranda dos Santos. *Habitar o ofício: tempo livre, responsabilidade e autonomia no contexto da escola pública*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo: USP, 2020.

VIOLA, Paulinho da; LEÃO, Nara. *Coisas do mundo, minha nêga*. Rio de Janeiro: Philips Records, 1969.

PUPPO, Maria Lúcia de Souza Barros. *Para alimentar o desejo de teatro*. São Paulo: Hucitec, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. Escola, Produção, Igualdade. *Pro-Posições*. Trad. Aimberê Guilherme Q. R. do Amaral. Campinas, Vol. 29, n. 23, p. 669-686, Set. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072018000300669](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072018000300669)>. Acesso em: 03 nov. 2020.

ROSENFELD, Anatol. *Teatro alemão: história e estudos*. I PARTE - Esboço Histórico. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

SPOLIN, Viola. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. Trad. Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SZONDI, Peter. *Teoria do drama burguês*. Trad. Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Submetido em: 13/11/2020

Aceito em: 25/11/2020